

## SENTIDOS DE ENFRENTAMENTO NAS MANIFESTAÇÕES DE 2019

Delma Reis Couto<sup>1</sup>

Este trabalho de pesquisa analisa discursivamente as condições de formulação e circulação do enunciado “**Me armo de livros e me livro de armas**”, em um processo de regularidade que produz efeitos de sentidos, em determinado momento político brasileiro. Os enunciados analisados têm como suporte cartazes em registro fotográfico via internet, apresentados em manifestações de 2019 que trazem à lembrança os primeiros cartazes que ganharam destaque no ano de 2013 em circulação nas ruas e nas redes sociais. Igualmente, se dá o aparecimento do cartaz individual como acontecimento de prática social, política e discursiva produzindo formas de contradição no espaço da dominação e da resistência. Nestas condições de produção destaca-se a circulação de cartazes que apresentam uma regularidade quanto a recorrência das palavras **livro** e **arma**, formulados por diferentes sujeitos e que remetem a um mesmo processo discursivo.

Para melhor perceber esse processo discursivo mobilizamos alguns conceitos da Análise de Discurso Materialista, a saber, constituição, formulação e circulação que perpassam a memória do dizer, e que também podem ser compreendidos segundo os conceitos de interdiscurso e intradiscurso, vejamos: (ORLANDI, 2012, p.32):

[...] o que estamos chamando de interdiscurso – representada como um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos – e esquecidos – em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível. E teríamos o eixo horizontal – o intradiscurso que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas.

Com relação ao sentido amplo do discurso, atua o interdiscurso em relação com a história, onde o sujeito é afetado e levado a recorrer à memória discursiva, a base que sustenta todo dizer discursivo, nesse ponto se dá a constituição dos sentidos. A história é veiculada por meio do discurso, num processo de linearidade que sempre existirá apoiado no lastro ideológico. Já o intradiscurso é o discurso produzido no contexto imediato vivido pelo sujeito, limitando-se às condições de produção de determinada atualidade, essas condições propiciam a formulação. Em toda produção discursiva há a atuação do já-dito, palavras, enunciados que vem pela memória, todavia, é possível a esse percorrer o interior do formulável e produzir outros sentidos, que não os já constituídos, incitando a interpretação, inscrevendo sentidos outros na história. Já a circulação refere-se ao processo de dispersão desses sentidos repetidos (paráfrase), ou resignificados (polissemia), em certa conjuntura social, política, histórica e ideológica, mediante um suporte específico.

Para situar o cartaz de produção individual, trazemos a noção de função discursiva autor, essa função enunciativa busca, segundo a Análise de Discurso, dar visibilidade ao sujeito/autor enquanto

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Bolsista FAPESB (delmareis@live.com)

produtor de discurso, sem deixar de lado as interpelações da exterioridade, na presença do social, do político, do histórico e, conseqüentemente, do ideológico. Nas palavras de Orlandi (2015, p.27):

A nosso vê, a função autor é tocada de modo particular pela história: o autor consegue formular, no interior do formulável, e se constitui, com seu enunciado, numa história de formulações. O que significa que, embora ele se constitua pela repetição, esta é parte da história e não mero exercício mnemônico. Ou seja, o autor, embora não instaure discursividade produz, no entanto, um lugar de interpretação no meio de outros. Esta é sua particularidade.

Essa noção implica uma posição discursiva no espaço do formulável, onde o sujeito passa a ser responsável pela organização do sentido, com base na memória do dizível, a história, e apoiado em condições de produção passíveis de interpretação. O exercício mnemônico funciona como uma repetição que não se historiciza, e por isso não transpõe o âmbito do interpretável. A repetição de formações discursivas e ideológicas ocorre, mas é possível ao sujeito produzir um *evento interpretativo*, para assim significar a língua, e por outro lado, o que ele formula também deve ser interpretável pelo demais para que haja sentido e para que se inscreva em outras possíveis formações. Assim, retomamos a prática de formulação e circulação para pensar a produção do cartaz individual, enquanto uma formulação enunciativa que exige do sujeito responsabilidade social, política e histórica, circulando no suporte cartaz.

Em outros termos, consideramos que esse processo discursivo realiza-se via memória discursiva atrelada ao processo histórico, no contraste do pré-construído – espaço do *sempre-já-aí*, a respeito da interpelação ideológica na forma do livre assujeitamento a sentidos universalizados, com a articulação – espaço pelo qual o sujeito se relaciona com o sentido implicando as condições de produção do discurso (PÊCHEUX, 2014), desse modo, a memória pode sofrer deslocamentos. No jogo da linguagem, os enunciados remetem a uma conjuntura histórica e passam a mobilizar sentidos outros pelos manifestantes que parafraseiam de diferentes modos a contradição. O evento de caráter político, que é objeto de nossa análise, promove uma desestabilização nas significações pré-construídas, nesse movimento articulatório as palavras produzem efeitos de polissemia, tendendo para o lúdico (ORLANDI, 1978). Trata-se de uma prática que evoca aos jogos simbólicos da língua em relação a sua materialidade, expressando a heterogeneidade constitutiva que abre margem para o equívoco, a diferença, as alterações e contradições, uma deriva para as interpretações e para a dispersão de sentidos (PÊCHEUX, 2012).

Nosso gesto de análise parte do contexto social e político das manifestações de 2019 contra os cortes da verba para a educação, justificados pelo governo federal como contingenciamento de gastos, em prol de suposta recuperação econômica. O contexto coincide com a expedição presidencial de um decreto que facilita o porte e posse de **armas**, alterando, inclusive, o Estatuto de **desarmamento**. Nessas circunstâncias, houve um grande abalo na educação, principalmente nas universidades federais do Brasil, as primeiras a sofrerem reajuste financeiro. O fato circulou na mídia jornalística e nas redes sociais criando um movimento de revolta da população, com isso surgiu uma

mobilização em reivindicação contra os cortes. Desse movimento surgiram os cartazes individuais com o enunciado “**Me armo de livros e me livro de armas**”, como podemos ver:



Fonte: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/manifestantes-fazem-caminhada-em-chapeco-em-defesa-da-educacao>



Fonte: <http://www.vermelho.org.br/noticia/321156-1>

As condições de produção do contexto mencionado propiciaram a produção e dispersão desse enunciado em diferentes cartazes de cidades distantes, tornando sua autoria incerta, e suas regularidades nas manifestações incitaram a ressignificação das palavras **livro** e **arma** produzindo um efeito de enfrentamento. Temos aí o uso de **livro** e **arma**, palavras carregadas de sentidos, ou seja, palavras que são constituídas de memória discursiva, cada qual em seu campo semântico, uma que remete para a educação, outra para insegurança pública. Justamente na contradição da união dessas duas palavras em um mesmo enunciado que os sentidos são (re)interpretados e (re)formulados significando de maneira particular. Pêcheux (2012, p.51), citando Jean Claude Milner, expõe: “nada da poesia é estranho à língua” e “nenhuma língua pode ser pensada completamente, se aí não se integra a possibilidade de sua poesia”. Poesia é o que encontramos no enunciado em apreciação, segundo o filósofo esse fato se dá na opacidade e heterogeneidade constitutiva da língua, não há como controlar os sentidos, nem as possibilidades de interpretação no jogo das diferenças.

Desse modo, temos no enunciado a ação estilística para causar o efeito linguístico, mediante o uso da figura de som paronomásia na imbricação da repetição mórfica e fônica (**livros-me livro**) e (**me armo-armas**), trata-se do popular trocadilho, um recurso linguístico que permite a dispersão de outros sentidos. Na organização sintática se inverte os termos (**me armo de livros**) e (**me livro de armas**), esse é o sentido novo dado, pouco ou nada usual (Como **livros** podem tomar o lugar das **armas**?). Observamos, então, um memeargumento, no discurso lúdico com o trocadilho produz efeitos de humor, e ainda no discurso polêmico na ironia de “munição” e “livramento”, trata-se de uma prática de resistência potencializada pela repetição. Assim, o excesso de memória metálica que silencia, não impede a incompletude de sentido, propiciando a ação da memória discursiva, na constituição da afirmação de que a educação pode combater a insegurança do armamento e da desigualdade. Conforme Orlandi (2012, p. 83): “[...] partimos do dizer, de suas condições de produção e da relação com a memória, com o saber discursivo para delinear as margens do não-dito que faz os contornos do dito significativamente.”. Aqui podemos aludir ao jogo do *dito* e do *não-dito*, o dito expressa a incompatibilidade das **armas** e dos **livros**, esses últimos se tornam uma proteção contra



as primeiras. O não-dito evidencia que a luta dos **livros** (educação) tem como efeito a eliminação das **armas** (insegurança), a conjunção aditiva (e), passa a funcionar como conjunção conclusiva (logo), enquanto causa e efeito.

Quanto às conclusões dessa pesquisa, observa-se: A presença do cartaz individual nas manifestações de 2019, abarcando as palavras **livro** e **arma** nas condições de produção que são formulados e circulados produzem efeitos de sentidos de um enfrentamento no âmbito das práticas social, histórica e política. A memória (espaço do já-dito) adentra como um alicerce no processo discursivo, em contra partida, novas formulações (espaço do imediato) surgem dispersando sentidos outros de natureza heterogênea que remetem a contradições nas relações de poder estabelecidas, considerando a opacidade da língua. O processo histórico vem determinar as representações enunciativas dos diferentes cartazes, fundamentando as inscrições discursivas e ideológicas, por conseguinte, promovendo interdições quanto a dominação e a resistência dos sujeitos envolvidos nas manifestações. Concomitantemente, remonta-se às relações de contradição entre sujeitos dominados e dominantes, se instaurando o enfrentamento na materialidade verbal, na afirmação do equívoco, logo que nada é fixo na produção discursiva, é preciso considerar o real da língua em relação à ordem do simbólico. Nesta luta simbólica de resistência e enfrentamento, o corpo surge evidenciando o lugar de enunciação do “eu” reivindicador, na imagem do sujeito que assume posição política e significa seu dizer no modo visual, historicizando um antagonismo entre **livro** e **arma**.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL, Luciana Leão . *Michel Pêcheux e a Teoria da Análise de Discurso: Desdobramentos Importantes para a Compreensão de uma Tipologia Discursiva*. Linguagem. Estudos e Pesquisas (UFG) , v. 15, p. 173-184, 2011.
- FARIAS, D. A. ; ALVES, H. R. A. . *A linguagem dos protestos: Uma análise discursiva dos cartazes das manifestações sociais brasileiras*. Revista Relva - Revista de Educação do Vale do Arinos , v. 2, p. 156-168, 2015.
- ORLANDI, Eni P. *O discurso pedagógico: a circularidade*. Série Estudos, n. 6. Uberaba, 1978.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso e Textualidade*. Eni Orlandi e Suzy Lagazzi-Rodrigues (orgs.). 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. 6. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P.Orlandi. 5. ed. Campinas, SP : Editora Unicamp, 2014.
- STEFANI, L. F. Dias Di Raimo, L. C., *O espaço urbano, o grafite e a identidade do sujeito catador*. In: RUA [online]. nº. 22. Volume 1, p. 18-32 – ISSN 1413-2109/e-ISSN 2179-9911 – Junho/2016. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.
- ZOPPI FONTANA, M.G. . ARGU(MEME)NTANDO: argumentação, discurso digital e modos de dizer. In: PIRIS, Eduardo; AZEVEDO, Izabel. (Org.). DISCURSO E ARGUMENTAÇÃO: fotografias interdisciplinares. 1ed.Coimbra: GRÁCIO editor, 2018, v. 1, p. 135-157.